

Crítica // Betânia ★★★★★

Em estado de torpor

Ricardo Daehn

Dos arredores do município de Santo Amaro (Maranhão) e sob o esplendor da direção de fotografia de Bruno Graziano, agraciado com a beleza dos Lençóis Maranhenses, o cineasta Marcelo Botta assina a singular obra *Betânia*, exibida em festivais como Berlim e Guardalajara.

Louvando manifestações como o tambor de crioula e o Boi da Betânia, um bumba meu boi que ganha a sonoridade de animado coro grego, o filme trata da revitalização no cotidiano da viúva Betânia (Diana Mattos, um colosso), sustentada pelas alegrias do estudioso neto vivido por

Ulysses Azevedo e pela disposição do filho interpretado por Caçula Rodrigues, que verte humor no papel de um espirituoso guia turístico.

Encenando a quebra de preconceitos, fazendo valer saberes naturais acima da internet e aproveitando ao máximo a ambiência e a autenticidade de um longa dependente de uma comunidade, Botta cria um filme inesquecível. Humor, profundidade, críticas à exploração de devotos e a divertida participação de personagens franceses dão colorido especial ao filme. Imagens potentes brotam nos quadros que mesclam flores, areia e pontos de água absolutamente reluzentes. Um impacto visual arrebatador.

DIVULGAÇÃO/SALVATORE FILMES



Betânia registra muita exuberância natural

Ponte para o entendimento

Ricardo Daehn

Foi na força da união que as protagonistas do novo filme de Jorge Furtado, em codireção de Yasmin Thayná, o longa *Virgínia e Adelaide*, se apoiaram, num cenário preconceituoso e machista. Mesclando dados históricos à estrutura dramática encenada pelas atrizes Gabriela Correa e Sophie Charlotte, os cineastas recriaram trajetórias de Adelaide Koch e Virgínia Leone Bicudo (vital para o desenvolvimento da sociologia no Brasil), figuras que deram impulso à difusão da psicanálise, no Brasil, a partir dos anos de 1930. “Acho que o espírito de comunhão é a mensagem que a vida de ambas deixou. Virgínia foi possivelmente

DIVULGAÇÃO



Virgínia e Adelaide: talentos sob a direção de Jorge Furtado

a primeira psicanalista da América Latina. Adelaide, que tem uma vida mais normal, foi uma cientista, uma médica, que não teve uma

atuação pública tão vigorosa, mas formou o primeiro círculo de psicanalistas do Brasil, sempre muito respeitada”, esclarece Jorge Furtado.

ENTREVISTA// Yasmin Thayná e Jorge Furtado, cineastas

Há muita atualidade nos temas explorados, entre os quais o da restrição e do emprego de violência do Estado, não?

Yasmin Thayná — Acho que os assuntos do filme são os da gente, apesar de estas mulheres terem existido no passado. O tema, a psicanálise, revela a necessidade humana, de se atualizar, de se viver. O momento político pesa no despontar das duas. Há muita política ali. Falamos de duas mulheres racializadas; uma judia e uma mulher negra. São coisas presentes nas nossas vidas. É compreensível que estejamos tratando de um filme de época,

mas que repercute no que vivemos.

A quem se destina o filme?

Jorge Furtado — Ao público que acredita que a amizade, o encontro entre as pessoas, pode produzir belas coisas. O filme é sobre isso: pessoas muito diferentes, com histórias de vidas muito diferentes, e que, juntas, resultaram em transformações. Claro que há interesse sólido dos estudiosos de psicanálise ou de história — espectadores com esta formação podem entender mais e curtir mais o filme. Mas ele é comovente para qualquer pessoa, e de qualquer espécie, acho.